

DESCRIÇÕES ETNOGRÁFICAS

Renata de Godoy²

Desafio. Nenhuma palavra definiria melhor o exercício da Descrição Etnográfica na disciplina de Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia de 2017. Faço uso dela também para definir a própria disciplina. Longe de ser um consenso, pensada a quatro mãos, o desafio era apresentar métodos específicos de cada um dos quatro campos da Antropologia. Nisso eu e Denise Schaan sempre concordamos: era preciso ampliar o desafio de apresentar nossos métodos aos discentes que também encararam o desafio de cursar o PPGA.

Com a participação de docentes dispostos a se doar por uma causa comum, montamos um Programa ousado, que focava em discutir práticas muito mais do que em apresentar teorias ou conceitos. Logo de início era preciso apresentar meios objetivos e precisos para construção de ideias, e, em seguida, auxiliar no melhor aproveitamento da imagem como ferramenta especial e específica de comunicação antropológica. Depois do primeiro módulo introdutório, o desafio era condensar métodos e técnicas de cada campo, de maneira que cada um fosse independente e que cada professor pudesse conduzir o exercício e sua avaliação como achasse mais conveniente. Sem surpresas o módulo sobre a pesquisa de campo na Antropologia Social ganhou

² Ph.D. em Antropologia/Arqueologia pela Universidade da Flórida/EUA (2012), Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural/Arqueologia (2003) e Graduação em Arquitetura e Urbanismo (2001) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Trabalhou em diversos projetos de patrimônio cultural no Brasil desde 1998, especialmente envolvendo Arqueologia. Sua principal área de atuação é Arqueologia Contemporânea e/ou Arqueologia Patrimonial, envolvendo temas tais como Gestão do Patrimônio Cultural, Urbanismo, Turismo e Antropologia. É sócia efetiva da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), e membro da Society of American Archaeology (SAA). Desenvolveu pesquisa sobre Turismo Arqueológico na Amazônia entre 2013 e 2016 pelo PPGA com bolsa pós-doutorado PNPd da Capes. Lidera o grupo de pesquisa Antropologia do Turismo na Amazônia (GATA). É professora adjunta da UFPA e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA).



um corpo maior que os demais, e iniciou com um exercício que alcançou uma significância além de qualquer expectativa: a tal Descrição Etnográfica.

Talvez fosse esperado que a aula girasse em torno de descrições densas ou consagradas na antropologia, mas optamos pelo caminho menos óbvio ao discutir um exemplo de escola de campo com o texto de Tim Wallace (2007) intitulado “*Participating in Ethnographic Field School*”; e outro texto da linguística de Alice Maria de Araújo Ferreira (2014) com título “O paradigma da descrição na tradução etnográfica”. O objetivo desta e de todas as aulas era instigar, provocar debates, trocar experiências, sendo talvez este dia o de maior controvérsia por questionamentos éticos dos discentes e pelo estranhamento coletivo, com leituras distintas daquelas clássicas em cursos de antropologia. Porém, foi o próprio exercício proposto o mecanismo que mais fomentou controvérsias. Independente da escolha de cada um era preciso construir um estranhamento, uma distância, tão saudável ao exercício profissional; ao mesmo tempo conseguir traduzir em palavras um ambiente, um evento, em no máximo duas laudas.

Por especificidades daquele semestre vivemos o curso de maneira fragmentada, muitas aulas adiadas ou espremidas por um calendário acadêmico que alimentou ainda mais todos os desafios já colocados aqui. Assim sendo, entre a aula em que discutimos descrição até a entrega do trabalho decorreram muitas semanas e também muitas dúvidas. Como? Onde? Por quê? Não posso nem consigo entrar em detalhes ao falar de uma turma tão heterogênea composta por 34 discentes. Posso sim dizer que o exercício tirou a maioria da zona de conforto, e despertou o fazer antropológico em outros que ainda não tinham tido a chance de se arriscar em seara desconhecida. Sobre os textos indicados para publicação neste Caderno, a primeira ferramenta de escolha não é segredo: a descrição deveria se encaixar no critério de tamanho, o que é sempre um desafio na vida acadêmica. Ganharam destaque: Ramiro e sua incursão pelo Ver-o-Peso; Maria Alice colocando o leitor em meio ao cenário caótico e em movimento do trânsito de Belém; Maria Páscoa como a doutoranda que bravamente se curvou às meras duas páginas para conduzir seu leitor em terreno desconhecido; e Amanda Pina desnudando o universo aparentemente banal do nosso cotidiano digital. Foram muitas as descrições deliciosamente ricas e gostosas de ler, e outras que se refizeram de maneira brilhante. À turma meus sinceros agradecimentos, por encarar conosco o desafio ao longo de tantos meses. Aos colegas que doaram tempo e conhecimento agradecimentos especiais (em ordem de participação): Ney Gomes, André dos Santos (Gon), Agenor Sarraf Pacheco, Diogo Menezes Costa, Hilton Pereira da Silva e Nayara da Silva Camargo. Faltam-me palavras para descrever o quanto me honra ter construído esta disciplina com Denise Pahl Schaan, missão que seria impossível em apenas duas laudas... Desejo a tod@s uma excelente leitura!

